



## OS NOMES DOS (DES)AMORES NA VELHICE EM “A MULHER DESILUDIDA”

Isabelle Rodrigues Bessa Silva <sup>1</sup>  
Karynna Magalhães Barros da Nóbrega <sup>2</sup>

### RESUMO

“A Mulher Desiludida”, publicado por Beauvoir em 1967, reúne três histórias que versam sobre a angústia do envelhecimento vivenciado pelo sujeito feminino. Se para muitos a chegada da velhice demarca um confronto com os arrependimentos diante do tempo que não pode ser recuperado, para outros, no caso das personagens femininas desta obra, aparece como uma desilusão frente aos acontecimentos e às intercorrências da vida, a saber: o luto pela perda da filha, a traição do parceiro e o conflito relacionado ao amor materno não correspondido. O conto “A idade da discricção” aborda o sentimento de obsolescência de uma mãe perante o filho: não segue os mesmos ideais políticos por ela defendidos. Em “Monólogo”, vemos uma mulher adoecida pela perda da filha, confrontada com os fracassos emocionais que permeiam a própria trajetória. Na última história que dá nome ao livro, a protagonista, abandonada pelo marido e desprezada pelas filhas, nos relata o sofrimento perante esse desamparo. Dessa forma, objetivamos analisar a obra numa perspectiva psicanalítica, compreendendo a velhice na experiência das mulheres de cada conto, no um a um, a fim de investigar o que os três casos narrados nos ensinam sobre o confronto com o real da perda, do amor e da solidão. Supomos que a escrita de Beauvoir nos permite questionar o Outro social e o feminino, no sentido de quais os ideais culturais que norteiam a vivência das mulheres na velhice.

**Palavras-chave:** Literatura, Psicanálise, Velhice, Feminino

### INTRODUÇÃO

“O amor é um labirinto de mal-entendidos onde a saída não existe”.

(Jacques-Alain Miller)

Para Beauvoir, o envelhecer está ligado à ideia de mudança. Porém, algo que a diferencia dos outros processos de transformação que vivenciamos enquanto seres humanos seria o declínio, marcados pelo tempo, pelo corpo e pelas atribuições direcionadas a esse sujeito. Para a autora, seria impossível resumir a velhice em uma única definição tendo em vista os inúmeros delineamentos que constituem essa problemática, considerando portanto os determinantes sociais de classe, a saber: a raça, o gênero dentre outros fatores que irão delinear caminhos distintos para cada uma velhice. Dessa forma, seria preciso compreender a velhice em sua totalidade, como um fenômeno biológico e cultural (BEAUVOIR, 2018).

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [isabelle.rodrigues@estudante.ufcg.edu.br](mailto:isabelle.rodrigues@estudante.ufcg.edu.br);

<sup>2</sup> Professora orientadora: Doutora, Professora adjunta III do curso de Psicologia, Unidade Acadêmica de Psicologia, UFCG, Campina Grande, PB, e-mail: [karynna.magalhaes@professor.ufcg.edu.br](mailto:karynna.magalhaes@professor.ufcg.edu.br).



Com a passagem do tempo, limitações são postas ao corpo, diagnosticadas pelo saber biomédico e delimitadas em marcadores biológicos. Todavia, há traços de cada um que não se perdem e não se alteram com a passagem do tempo. O que é isso? A atemporalidade do inconsciente oferece para o sujeito a perspectiva de que afinal o tempo não passou. Para o sujeito do inconsciente não há temporalidade, portanto, o sujeito do desejo não envelhece (MUCIDA, 2009).

Em termos de definição, a velhice não seria necessariamente um estado, mas um constante e inacabado processo de subjetivação. Assim, na maior parte do tempo não existe um “ser velho”, mas um “ser envelhecendo”. Dessa forma, o processo de envelhecimento, a decadência desse corpo e a finitude que se aproxima são aspectos comumente percebidos pelos outros em detrimento do próprio sujeito que envelhece. Remete ao olhar do Outro<sup>3</sup>, enquanto alteridade, que nos confronta com o envelhecimento, fazendo com que o velho seja sempre o outro, como enfatizado por Beauvoir. A partir disso, passamos a nos reconhecer por meio da imagem que os outros têm de nós (GOLDFARB, 1998).

Em *A mulher desiludida*, podemos perceber como o texto literário de Beauvoir representa a velhice a partir da singularidade de cada experiência, no caso específico em cada mulher, ao passo que as personagens escrevem a própria narrativa e se deparam com as questões referentes aos fatos que lhe ocorreram no presente e no passado nesse processo de envelhecimento. O conto *A idade da descrição* aborda o sentimento de obsolescência de uma mãe perante o próprio filho, que não segue os mesmos ideais políticos por ela defendidos, há com isso o confronto com uma ferida narcísica. Em *Monólogo*, vemos uma mulher adoecida pela perda da filha, às voltas com os fracassos emocionais que permeiam sua trajetória e o desinvestimento libidinal. Na última história que dá nome ao livro, a protagonista, abandonada pelo marido e desprezada pelas filhas, nos relata o sofrimento perante esse desamparo. Diferentes histórias, um ponto em comum: a perda da ilusão da onipotência do amor e o trabalho do luto diante das perdas.

Neste estudo tomamos como ponto de partida uma questão: como cada sujeito feminino lida com o confronto do real da perda, do amor e da solidão? Para Miller (2013), cada um é levado a inventar seu próprio “estilo de vida”, assumindo o modo de gozar e de

---

<sup>3</sup> O conceito de Outro pode ser entendido como o lugar em que se situa a cadeia do significante que determina tudo que vai presentificar-se no sujeito. Articula-se aos três registros, apresentando-se como outro da relação dual que permite a construção da imagem do corpo próprio; como Outro, tesouro dos significantes, na função de ceder os significantes que articulam sua demanda; e finalmente enquanto Outro barrado, fornecendo a falha necessária a partir da qual o sujeito poderá surgir.



amam. Condenados a impossibilidade de apreender a língua do outro, o sujeito tateia em busca das chaves, sempre irrevogáveis.

Dividimos o trabalho em três partes, a fim de analisar o ponto de real presente em cada conto de maneira distinta. Na primeira, tratamos da dificuldade em elaborar o processo de envelhecimento e o luto da própria vida. Na segunda parte, abordamos a recorrência das reminiscências como modo de se culpabilizar pela perda da filha. Na terceira parte, abordamos a devastação feminina a partir da descoberta de uma traição. Utilizamos como metodologia a interface entre psicanálise e literatura, numa perspectiva de se deixar ensinar pela dimensão do real em jogo nos contos anteriormente citados.

## **METODOLOGIA**

Em Freud (1910), percebemos frequentes referências à literatura como modo de encontrar no texto literário confirmações para seus construtos teóricos. Além disso, o autor interpretava as criações poéticas como produtos da fantasia, dos desejos e elaboração de uma realidade insatisfatória por parte dos escritores. No movimento de desvendar os aspectos estéticos da obra, Freud tornava a arte em geral como campo de investigação capaz de dizer algo a mais sobre o real, dando conta daquilo que a psicanálise não havia conseguido atingir (VILLARI, 2010).

Na releitura dos escritos freudianos, Lacan faz uso recorrente da literatura para dar solidificação às suas análises teóricas. Uma das modificações lacanianas refere-se a recusa da abordagem psicobiográfica do autor e da análise psicanalítica dos personagens, duas características marcantes no tratamento das obras estudadas por Freud. Dessa forma, passa a se considerar a cadeia simbólica da qual esses elementos estão inseridos como modos de aproximarmos do real (VILLARI, 2000).

Por isso, o texto literário nos convoca, a partir do não saber, à pesquisa, fazendo-o falar. Tal posicionamento implica levar em consideração o saber presente na obra, mobilizando-os para a escrita (VILLARI, 2000). Dessa maneira, tomamos *A Mulher Desiludida* como objeto de estudo, demonstra como o sujeito feminino lida com o processo de envelhecimento sem se desvincular dos acontecimentos que permeiam a própria história, evidenciando a necessidade de contar desse processo a partir do um a um.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Em uma pesquisa realizada na cidade do Rio de Janeiro com mulheres de 50 a 60 anos das camadas classe média e alta. Por meio de grupos de discussão e entrevistas, a pesquisadora procura acessar os significados atribuídos por essas mulheres sobre as vivências



durante o período da velhice. Apesar do sucesso profissional, do poder aquisitivo, maior escolaridade e estabilidade financeira, há um descontentamento dessas mulheres com a sua vida diante da vergonha do próprio corpo, do medo da solidão, do excesso de peso, da preocupação com doenças e da sensação de invisibilidade (GOLDENBERG, 2012).

De diferentes maneiras, elas disseram: “Aqueles olhares, cantadas, elogios, tão comuns desde a minha adolescência até os 40 anos, desapareceram. Ninguém mais me chama de gostosa, eles me ignoram. Sou uma mulher invisível” (GOLDENBERG, 2012, p.5). Assim, no contexto brasileiro, a experiência da velhice vivenciada pelas mulheres é marcada pelo discurso da invisibilidade, diante do corpo que não corresponde aos ideais veiculados pela cultura do que seria uma mulher desejada: magra e jovem.

Em contrapartida, as mulheres alemãs de mesma idade e da mesma classe econômica demonstram ter uma relação confortável com o envelhecimento, atribuindo riqueza a esse período da vida devido suas conquistas profissionais, intelectuais e afetivas. Enquanto a emancipação foi a palavra recorrente da velhice na perspectiva alemã, liberdade foi o que as brasileiras disseram, o que coloca para nós os desdobramentos que a velhice enfrenta na cultura brasileira (GOLDENBERG, 2012). Dessa forma, quais os possíveis efeitos de não ter com quem contar diante do sofrimento em face com a velhice? Podemos citar uma frase de uma das personagens: “Como viver sem acreditar em nada, nem em mim mesma?” (BEAUVOIR, 2010, p.158).

Além disso, gostaríamos de destacar a escolha estilística da autora ao não nomear as personagens dos dois primeiros contos dessa obra. No texto literário em questão, temos o percurso realizado por mulheres que se sentem desamparadas pelo Outro no processo de envelhecimento. Dessa forma, sem as nomeações desse outro, quem seriam elas? A ausência do nome pode ser interpretada como esse lugar de indefinição que o sujeito feminino ocupa. Mesmo se fazendo no um a um, posto que não há um significante que a define, elas são destinadas a certas nomeações como: mãe, esposa, avó, velha, moça, contribuindo para que não seja vista em suas particularidades. Dessa forma, é possível que essas personagens carreguem a história de qualquer uma.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **I. A Idade da Discrição ao amódio**

Encontrando-se aposentada das atividades laborais há um ano, nos diz a personagem: “Meu relógio parou? Não. Mas os ponteiros parecem não se mover.” Diante disso,



percebemos um impasse em relação ao tempo. É possível parar? O que nos ensina essa personagem? Ao se desvincular das intempéries do cotidiano, ela consegue perceber as mudanças que o tempo impõe ao Outro. Ela percebe que André, o esposo, apresenta cabelos brancos, percebe além dele a presença de outros idosos, seja na feira ou em outros lugares, algo até então ignorado. O velho é o outro, nos afirma Beauvoir. É interessante que a personagem percebe a passagem do tempo no outro, justamente quando se aproxima a data da própria aposentadoria.

Sobre as dificuldades em relação ao tempo, menciona que o marido ainda trabalha, há desafios em se relacionar com os colaboradores mais jovens da empresa, que estão mais atualizados e conectados com o tempo. Tendo mais de 60 anos, sente-se desatualizado diante das novidades (novas idades) dessa geração que surge na empresa. Já ela, como forma de se conectar com o futuro, mantém amizades com alunas por se sentir revigorada através da juventude. Enquanto trabalhava, relata que estar na sala de aula lhe dava a ilusão de não mudar de idade, devido a quantidade de jovens que compunham suas aulas: uma defesa diante da passagem do tempo.

Como mãe, confronta-se com as mudanças realizadas pelo seu filho Philippe que decide trocar de carreira, deixando de concluir a tese e passa a fazer parte do mercado corporativo. A partir dessa escolha realizada pelo filho, a personagem demonstra ressentimento e impotência. Ela já não é capaz de fazer com que ele siga e oriente-se pelo seu desejo, encontra-se sozinha em relação a esse sentimento, uma vez que o pai e a esposa do filho apoiam a escolha e o desejo dele. Para a personagem, seria impossível apoiar essa escolha uma vez que, não estão de acordo com os ideais defendidos por ela e, assim, resta resignar-se diante do fracasso da transmissão dos ideais. Diante dessa impotência, há esgotamento, e uma tensão permanente entre mãe e filho, uma disputa fálica, por um saber fazer que rompe no aparecimento do ódio: "é tão cansativo detestar alguém que se ama" (BEAUVOIR, 2010. p.39). Assim, percebemos que o fato do filho romper com esse destino idealizado pela mãe, demonstra que ele cresceu e que ela está envelhecendo, por não ser mais o ponto de referência para as escolhas dele. Ou seja, não é a mãe que possui o falo, e sim ele.

A personagem também se depara com as mudanças realizadas pela passagem do tempo neste corpo que envelhece, causando-lhe certo estranhamento. Em suas palavras, "Quanto menos eu me reconheço em meu corpo, mais me sinto obrigada a me ocupar dele." (BEAUVOIR, 2010, p. 41). Em uma cultura em que o corpo também é tratado como um capital, o envelhecimento pode ser vivenciado como um momento de grandes perdas.



Deseja-se que esse corpo permaneça imutável diante das passagens do tempo, não sofrendo modificações nem carregando as marcas de uma vida que foi vivida.

Assim, percebemos um sentimento de obsolescência da personagem que perdura em diversos segmentos da vida, surgindo quando o filho não considera seguir o que foi planejado por ela, quando a escrita parece não ter o mesmo impacto vislumbrado. Em um diálogo com o marido, tal temática torna-se evidente:

- [...] O desolador, quando se envelhece, não está nas coisas, mas em nós mesmos.
- Eu não acho. Aí se perde, mas também se ganha.
- Perde-se mais do que se ganha. Verdadeiramente, não vejo o que se ganha. Você pode me dizer?
- É agradável ter atrás de si um longo passado.
- Acha que tem um? Pois eu não tenho o meu... Tente me contar como ele é.
- Eu sei que ele está aí. Ele dá espessura ao presente. (BEAUVOIR, 2010, p. 38)

Durante a narrativa, observa-se um certo apaziguamento da angústia diante do processo de envelhecimento vivido pela personagem. Não identificamos nenhuma mudança de comportamento exercida por ela ou pelos que a rodeiam, mas é importante destacar a importância que a palavra exerce nessa tomada de mudança pois, para a psicanálise, quando não há mais nada a fazer, podemos falar. E essa ação produz efeitos, a saber um trabalho de elaboração e significação e a possibilidade de investir em outros objetos.

## II. Monólogo e o trabalho de reminiscências

No conto Monólogo, trata-se de uma personagem narrando fragmentos do passado e presente, que versam sobre episódios da infância: a relação com os pais, filhos e ex-marido. A personagem apresenta dificuldades em aceitar a separação conjugal, bem como a morte da filha, outra forma de separação: os impasses estão em torno da perda. Sentimentos conflitantes permeiam essa relação: a inveja dela para com a filha, a crença da mãe que poderia ter possibilitado um outro destino para a filha, uma vez que ela escolheu morrer: suicidou-se. Esse ato confrontou a mãe com a impotência no trabalho da maternagem, mobilizando o sentimento de culpa e um enigma. Por que ela escolheu se matar? Por que ela tomou comprimidos? O que ela comprimiu com esse ato? O que a mãe não conseguiu perceber?

Quanto à filha, a personagem relata o ressentimento pela forma como ela partiu, sem deixar nenhum vestígio dos porquês teria decidido isso. “Eu me controlei e no entanto sabia que nunca me recuperaria daquele golpe. Era a mim que enterravam. Estou enterrada” (BEAUVOIR, 2010, p. 71). A mãe apresenta sentimento de culpa por não ter conseguido acordar cedo para salvar a filha a tempo, uma responsabilidade colocada pela mãe da personagem, ao dizer que esta seria a responsável pela morte da sua neta. Essa fala ressoa



para a personagem como uma sentença. Em suas palavras: “Se uma filha se mata a mãe é a culpada; é assim que eles raciocinam por ódio da própria mãe” (BEAUVOIR, 2010, p. 71). Como uma mãe pode suportar o endereçamento de uma suposta responsabilidade pela morte da filha? Nesse sentido, a mãe inicia um modo de investigação sem sucesso, não encontrando uma carta ou mesmo um bilhete que essa filha pudesse ter deixado esclarecendo as razões que a motivaram a esse ato.

Lendo Lacan com Bassols (2017) percebemos que a mulher, o feminino, se situa em um espaço muito singular, estando no paradoxo: entre o centro, a borda e a ausência. Não há um significante que responda ao enigma do ser mulher, a posição feminina remete a um saber fazer com o real. O conceito de feminilidade aparece em Freud, como essa "terra incógnita" sem representação, lugar inexplorado e inexplorável ao qual cada sujeito feminino poderá se autorizar à sua maneira. Ele mencionou algumas saídas para lidar com o feminino, a saber: renunciar à sexualidade, reivindicar o pênis ou aceitar a feminilidade. Com isso, percebe-se que a posição freudiana para o feminino refere-se a uma posição fálica. Com Lacan, a posição feminina é não toda fálica, pois há um gozo que não se situa na linguagem, que não se deixa representar pelas fronteiras da linguagem, estando ligado ao lado do infinito, do Real.

Sobre o luto, Freud (1917) menciona que ao perdermos um objeto, o mundo se torna pobre e vazio. A cada lembrança que é retomada, a realidade traz o veredicto de que o objeto amado já não existe. Apesar do autor acreditar que o trabalho do luto por si só não deve ser compreendido como algo patológico, percebemos que a mãe enlutada diante da perda da filha, repleta de questionamentos e carregando uma culpa diante desse sofrimento, precisaria contar com o Outro para atravessar e elaborar esse momento. Elaboração essa que ocorre de maneira gradual, a partir do tempo de cada sujeito.

### **III. A mulher desiludida e o trabalho de uma escrita**

Para Mucida (2009), a velhice pode ser interpretada como uma escrita. Cada um a escreve ao seu próprio modo, ou seja, elabora o envelhecimento de maneira singular, com um estilo próprio. Dessa forma, estamos constantemente escrevendo, revivendo, elaborando e traduzindo o que foi posto, dando-lhe outros sentidos ou enxergando nossas versões, fazendo com que cada um se arranje como consegue para compor seu texto com as “letras” que lhe foram concedidas.

Na narrativa em questão, a personagem Monique escreve em seu diário ao encontrar-se animada para realizar novos projetos e aproveitar o momento de solidão sem o marido e as duas filhas. Em um dado momento, percebe que seu marido não é o mesmo de



Maurice não compartilha mais dos mesmos gostos, dos mesmos interesses, e raramente os dois conversam. De certa forma, esse silêncio ensurdecedor existente entre os dois lhe dá sinais de que as coisas não estão indo tão bem.

Quanto às suas filhas, a personagem não se sente confortável com o seu papel nessa maternidade, posto que se encontra distante das filhas, não havendo trocas desde que as filhas tornaram-se adultas. Ao rememorar sua maternidade, pensa: “Se falhei na educação de minhas filhas, toda a minha vida não passa de um fracasso. Não posso acreditar. Mas que vertigem, quando surge a dúvida!” (BEAUVOIR, 2010, p. 146).

Posteriormente, descobre que o marido está tendo um caso com uma mulher muito mais jovem, algo que lhe provoca comparações como “ele não olha para ela como olha para mim” (BEAUVOIR, 2010, p. 83). Assim, pelo medo de temer que Maurice decidisse ir embora, a personagem decide adotar uma postura conciliadora, aceitando a existência da amante desde que continuasse ocupando o lugar de esposa. “E ora me acho certa, ora me acuso de covardia. Na verdade, estou desarmada porque nunca supus que eu tivesse direitos. Espero muito das pessoas que amo - demais, talvez. Espero e até peço. Mas não sei exigir.” (BEAUVOIR, 2010, p. 103)

Para Beauvoir, a velhice revela um retrato cruel do envelhecimento. Ela afirma que já que o destino da mulher é ser, aos olhos do homem, um objeto erótico, ao tornar-se velha e feia, perde o lugar que lhe é destinado na sociedade, tornando-se então um monstro que suscita repulsa e até mesmo medo (BEAUVOIR, 2010).

“Eu era tão orgulhosa de nosso casamento: um casal modelo. Nós demonstrávamos que um amor pode durar sem diminuir. Quantas vezes me vi campeã da felicidade integral! Em migalhas o casal exemplar! Sobre um marido que engana sua mulher e uma mulher abandonada a quem se mente...” (BEAUVOIR, 2010, p. 113)

Miller (2012) faz referência ao aforismo laciano “Amar é dar o que não se tem para quem não o quer” para exemplificar que amar diz de reconhecer sua própria falta e doá-la ao outro. Não é dar o que se possui, como os bens, os presentes: é dar algo que não se possui, que vai além de si mesmo. Para isso, é preciso se assegurar de sua falta, de sua “castração”, como dizia Freud. Algo essencialmente feminino pois, só se ama verdadeiramente a partir de uma posição feminina. Amar feminiza. Percebemos que a personagem deste conto encontra-se nessa posição, ao dar do seu amor para o marido que não mais nutre dos mesmos sentimentos para com ela, encontrando-se portanto com o desamparo e a solidão. Em suas palavras: “O amor de Maurice dava importância a cada minuto da minha vida. Ela está vazia. Tudo está vazio: os objetos, os instantes e eu”. (BEAUVOIR, 2010, p. 143).





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que é a velhice? O que é a velhice para as mulheres? O que podemos aprender com *As mulheres desiludidas*? Como acontecimento, o processo de envelhecimento desperta questões por meio das modificações experienciadas em relação à nova imagem corporal, na relação com o Outro social, e não menos importante a consciência de finitude e sensação de encurtamento do tempo futuro. Por meio desse trabalho de investigação e leitura, podemos perceber que não há uma regra de ouro que possa nos servir no sentido de como poderíamos atravessar esse processo de maneira universal e sem sofrimento. A obra nos adverte sobre a importância do laço social para a tessitura de uma velhice serena.

Cada sujeito deve-se responsabilizar pelas escolhas possíveis e se responsabilizar por elas, ficando a cargo de cada um inventar uma forma de como pode lidar com a angústia e com os impasses diante das perdas, da sensação de impotência e da fragilidade corporal. Para isso é claro que é preciso e necessário uma rede de apoio, contar com o outro. “A velhice é um nome difícil de nomear, por isso acaba tendo vários nomes, sem que nenhum deles possa dizer exatamente o que seja”. (MUCIDA, 2009, p. 27). Nesse sentido, há um impossível de nomear a velhice: cada um envelhece ao seu próprio modo.

Em *A mulher desiludida*, Beauvoir aborda a vivência de três diferentes mulheres que enfrentam, nesse processo do envelhecimento, os sofrimentos e impasses em relação ao amor: seja por parte da parceria amorosa, a maternidade, o amor ao trabalho, amigos, a si e ao próprio corpo. Precisamos destacar em relação ao título da obra que há um equívoco em relação a tradução do francês para o português. *La femme rompue*, que na língua original remete a mulher quebrada ou destruída e que para o português foi traduzida com o semblante de *A mulher desiludida*. Por meio desse equívoco podemos perceber que a mulher, em seu laço com o outro, é marcada por um laço como um todo, um amor erotomaniaco. Ela demanda um amor todo e diante do confronto com a decepção ou a perda da ilusão do amor, algo se rompe e se quebra no seu ser de mulher.

Chegamos ao final de cada narrativa sem um final feliz, o que nos ensina que não há um objeto que nos satisfaça, há um real da existência de cada um, que irá lidar com o desejo e a angústia de existir de maneira singular. Assim, longe de querer sugerir pílulas mágicas ou métodos eficazes para se alcançar o “viver bem”, talvez um dos caminhos possíveis para uma bela velhice seria dar voz às peculiaridades de cada vivência, para a partir dela o sujeito se sinta autorizado a bancar suas escolhas, não se aposentando de si mesmo.



## REFERÊNCIAS

BASSOLS, Miquel. **O feminino, entre centro e ausência**. Opção Lacaniana, n. 23, 2017.

BEAUVOIR, Simone. **A Mulher Desiludida**. Tradução Helena Silveira, Maryan A. Bon Barbosa, prefácio Andréa Pachá. - 6. ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. 179p.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Tradução Maria Helena Franco Martins. – 3. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. 600p.

FREUD, S. **Luto e melancolia** (1917). *In*: Introdução ao Narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916) tradução e notas Paulo César de Souza — São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 170-194. (Obras completas volume 12).

GOLDENBERG, Mirian. **Mulheres e envelhecimento na cultura brasileira**. Caderno Espaço Feminino, Uberlândia, v. 25, n. 2 p. (46-56), jul./dez, 2012.

GOLDFARB, D. C. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. 128p.

MILLER, Jacques-Alain. “**Amamos aquele que responde à nossa questão: ‘quem sou eu?’**”. [Entrevista concedida a] Hanna War. Correio, São Paulo, v.trimestral, n.71, p. (09-16), 2012.

MUCIDA, Ângela. **Escrita de uma memória que não se apaga** - Envelhecimento e Velhice. Belo Horizonte; Autêntica, 2009.

VILLARI, Rafael Andrés. **Relações possíveis e impossíveis entre a psicanálise e a literatura**. Psicologia e Profissão. São Paulo, v. 20, n. 2, jun, 2000.